

# A ETNOTERMINOLOGIA NO ÂMBITO DOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO

## THE ETHNOTERMINOLOGY UNDER TRANSLATION STUDIES

Vanice Ribeiro Dias LATORRE  
Universidade de São Paulo  
[vanicelatorre@uol.com.br](mailto:vanicelatorre@uol.com.br)

**RESUMO** — Propomos que o estudo da unidade padrão do discurso literário etnoterminológico, o vocábulo-termo, é de fundamental importância na análise contrastiva de línguas e culturas, no âmbito dos estudos da tradução. Os conceitos que resultam do processo de conceptualização se revestem de especificidades semântico-conceptuais, identificando o universo linguístico e referencial de uma dada língua de partida, caracterizando sua realidade, muitas vezes intransponível para o tradutor. O pesquisador em tradução poderá, a partir da análise dos semas formadores, identificar, no universo de discurso da língua de chegada e partida, a percepção da realidade e a atribuição de valor (pela análise dos subconjuntos dos traços ideológicos-culturais e ideológico-intencionais modalizadores), se os conceitos foram conservados, reduzidos ou ampliados quando da sua ressemantização na língua de chegada.

**Palavras Chave:** Etnoterminologia – Tradução - João Guimarães Rosa

**ABSTRACT** — We have propose that the study of the minimal unit of etno-terminological literary discourse, the word-term, is very important regarding contrastive analysis of languages and cultures within the framework of translation studies. The concepts resulting from the conceptualization process have semantic-conceptual specificities, identifying the linguistic and referential universe of a given source language, featuring its reality, such phenomenon is often too difficult for the translator to understand. The researcher in translation may, from the analysis of semas, identify the universe of discourse in the source language and in the target language; the perception of reality and the assignment of value (through the analysis of subsets of the ideological, cultural and ideological unintended traits modalizers), if the concepts have been maintained, reduced or enlarged at the moment its resemantization to the target language.

**KEYWORDS:** Ethnoterminology - Translation - João Guimarães Rosa

### 1. Introdução

*Grande Sertão: Veredas* é um exercício de tradução de sentidos de várias unidades léxicas em sua multifuncionalidade designativa e referencial, exigindo do leitor operações metalinguísticas que as expliquem. Em sua versão para o inglês, *The devil to pay in the blacklands*, observamos que o sentido de alguns *vocábulos-termos* não coincide com a designação e os significados expressos pela língua geral de partida, nem mesmo em seus registros nos dicionários.

Propomos-nos a comparar o sentido de alguns sintagmas da língua de partida, com sua forma específica na língua de chegada, a partir da nossa análise, em trabalho anterior, de alguns *vocábulos-termos* de *Grande Sertão Veredas* com a forma equivalente utilizada em *The devil to pay in the backlands*, para compreender como foi

construído o sentido da intenção do autor na língua de partida e o resultado da sua manifestação linguística na língua de chegada.

Os conceitos que resultam do processo de *conceptualização* se revestem de especificidades semântico-conceptuais, identificando as particularidades do universo linguístico de uma língua natural muitas vezes intransponíveis para o leitor, falante nativo, e também para o pesquisador em tradução, ou para o tradutor. Em qualquer das situações podemos, a partir da análise dos semas formadores e da caracterização semântico-conceptual do *vocabulo-termo*, identificar, nos universos de discurso da língua de origem e de chegada, os traços comuns ou exclusivos das línguas envolvidas e observar se os conceitos foram conservados, reduzidos ou ampliados quando da sua ressemantização na língua de chegada.

Rosa, intencionalmente, ao longo de *Grande Sertão: Veredas* constrói paulatinamente o sentido das palavras. O conteúdo semântico dos vocábulos, de valor absoluto para a compreensão da obra, só é apreensível se analisado no meio sociocultural em que cada uma das unidades léxicas estão inseridas e suas estruturas refletem modelos nem sempre acessíveis, que implicam em traduzir um modo de “pensar o mundo”.

Tais problemas tangenciam a traduzibilidade literária, de modo geral e também de modo específico, no caso da tradução de Grande Sertão para outras línguas. Podemos exemplificá-los com o comentário de Rosa, em sua correspondência com seu tradutor alemão, sobre uma das passagens da tradução de Grande Sertão para o inglês. Ao tradutor alemão Rosa apontou a percepção inalcançável, aos tradutores americanos, do diferente modo de existência da realidade do anoitecer tropical. Frisou Rosa que a rapidez, em determinada passagem, do anoitecer tropical, sem crepúsculo, que propositalmente concretizou num intervalo entre dois parágrafos foi perdida, porque não compreendida pelos tradutores. O trecho a que se referia, no original, assim se apresenta: “O sol entrado. Daí, sendo a noite, aos pardos gatos”. Rosa não ficou satisfeito com a solução final da tradução, pois “O sol entrado” foi omitido e todo o trecho, segundo ele, foi friamente resumido no provérbio “*The night came down as a cat*”.

O modo de “pensar o mundo” em uma nova língua deve ser aprendido para que se possa traduzi-la para outra língua. Este pressuposto está relacionado à identificação dos diferentes universos de discursos e desenvolvimento da competência semiótico-linguística que lhes corresponda, o acesso enfim, à metalinguagem que permite

interpretar, entender e redimensionar o saber sobre a nova língua. Deste modo, a tradução literária é um fazer assentado no processo semiótico do discurso, que se desenvolve no percurso gerativo da enunciação de decodificação a partir de um referente da língua de partida, sua conceptualização (representação) e escolha de um signo (adequação relativa) na língua de chegada (Barbosa).

## 2. Pressupostos teóricos

Os referenciais teóricos da *Etnoterminologia* podem nos auxiliar na análise contrastiva de línguas e culturas, no âmbito dos estudos da tradução, como procuraremos demonstrar.

A *Etnoterminologia*, a mais nova das ciências da linguagem (da qual Maria Aparecida Barbosa é mentora), é a subárea da Terminologia que prove o suporte para o estudo do sistema de conhecimentos herdados por um grupo social, uma etnia, cultural e linguisticamente idiossincrática: seus valores, crenças e saber compartilhado sobre o mundo.

É a ciência da linguagem que ocupa a zona de intersecção compreendida entre os estudos dos universos de discursos literários e os das linguagens de especialidades ou terminologias (Terminologia) e que se ocupa também do estudo do *vocábulo-termo*, sua unidade de significação.

A natureza e a modalidade textual do discurso etnoliterário de Grande Sertão em particular, se distancia da baixa densidade terminológica observada nos universos de discursos etnoliterários das cantigas de cordel ou contos do folclore, por exemplo. Em um *continuum* podemos aproximá-lo dos textos científicos, no que diz respeito ao conceito e sua representação terminológica. Em outras palavras, encontra-se em um patamar elevado de densidade terminológica em virtude da natureza dos conhecimentos herdados que veicula se comparado, por exemplo, aos *vocábulos-termos* da literatura de cordel, porém, de menor densidade terminológica se comparado ao universo de discurso terminológico de outras áreas de especialidades. Naturalmente, a face terminológica do *vocábulo-termo* de *Grande Sertão: Veredas* tem implicações diretas no processo e produto tradutórios.

Aubert já observou a complexidade que cerca o fazer tradutório. Os aspectos social e histórico determinam a norma linguística de uma comunidade e contraem “um certo vínculo entre o código linguístico em si e uma determinada visão-de-mundo, tendente, portanto, a constituir cada complexo língua/cultura como um todo infenso à

interpenetrabilidade, à tradução, à consignaçoão de equivalências e sinonímias translinguísticas”. Entretanto, para o teórico, uma língua deve ser vista, simultaneamente, como um conjunto de virtualidades, de potencialidades e como fato sócio-histórico. (AUBERT, 2001, p.1).

Coseriu assinala que a índole do sistema, bem mais que imperativa é consultiva e suas possibilidades indicam caminhos de liberdades que admitem infinitas realizações e também imposições de condições funcionais apenas. Ao falante cumpre realizar o sistema, a partir do que é ou não permitido pela norma: “dado que lo que emplea en el hablar no es propia y directamente el sistema, sino formas cada vez nuevas que en el sistema encuentran solo su condición, su molde ideal” (COSERIU, 1973, p.99).

A criação das novas formas lexicais está intimamente ligada a essas normas, mas ao seu lado outro fator se manifesta: a conceptualização do universo, advinda da clareza e presteza com que se projeta no léxico de cada grupo, estabelecido no universo antropocultural. São as regras sociais e a visão cultural os limites para que um indivíduo ou um grupo possa, a partir da norma, abstrair o falar concreto, e dele fazer uso para produzir um sem número de novos signos.

A tradução é para Coseriu uma forma particular *do falar* por meio de outra língua com um conteúdo já dado previamente, e o objetivo da tradução deve visar ao efetivamente dito: “só a linguagem em sua função semiótica em sentido estrito, pode ser traduzida” (COSERIU, 1987, p.168).

Portanto, a transcodificação é factível desde que indaguemos sobre os mecanismos de construção presentes no momento da criação literária e sobre os mecanismos de reconstrução presentes no momento da tradução para outra língua, tendo presente que um mesmo sentido se forma ou se estrutura de diferentes modos em cada língua. (HJELMSLEV, 2003, p.56). É o conteúdo já apreendido e delimitado pela análise particular de uma cultura o objeto da tradução, que deverá ser transcodificado em uma nova realidade linguística que também guarda em si uma análise particular deste conteúdo, ou seja, de acordo com L. Hjelmslev: “O sentido assume sua forma específica em cada língua; não existe formação universal mas apenas um princípio universal de formação”. Para o linguista dinamarquês tais formas específicas que se concretizam em diferenças linguísticas acontecem em todos os níveis, não apenas em seus “rótulos” (significantes) como também em seus “conceitos” (significados) (HJELMSLEV, 2003, p.56).

Devemos ainda, em nossa reflexão lembrar que o percurso da cognição prevê que a partir da percepção do fato natural o homem reduz ou amplia os conjuntos dos traços da realidade que se destacam para serem escolhidos e produzidos por meio de modelos mentais. Deste modo, conforme Barbosa, a caracterização semântico-conceptual se processa num continuum em que (1) aos atributos semântico-conceptuais são acrescentados intencionalmente: atributos culturais, ideológicos e modalizadores manipulatórios; (2) as escolhas paradigmáticas revelam como os novos sentidos são produzidos e os vários universos de discursos vão se especificando (Barbosa, 2001).

### **3. Modelo de ficha etnoterminológica**

A ficha de análise utilizada é composta dos seguintes campos:

- Vocábulo-termo em português e o vocábulo equivalente em inglês
- Significado no dicionário em português:
- Significado no dicionário em inglês:
- Contextualizações em português:
- Contextualizações em inglês:
- Análise dos semas conceptuais: classe de noemas; caracterização semântico-conceptual; natureza dos semas formadores.
- Definição do vocábulo-termo em Português:
- Definição do vocábulo em inglês:
- Traços comuns PO/ IN
- Traços exclusivos: PO/ IN
- Equivalência: ( ) total ( ) parcial ( ) ausente
- Comparação entre as definições e observações

### **4. Análise etnoterminológica do vocábulo-termo vereda**

4.1 Significado no dicionário Moraes Silva: Caminho estreito e não estrada real. Sentido figurado; O modo de vida, os passos, methodo, ordem; Houaiss: Regionalismo: Centro-Oeste do Brasil. caminho estreito, senda, sendeiro. Caminho secundário pelo qual se chega mais rapidamente a um lugar; atalho. Derivação: sentido figurado. orientação de uma vida, de uma ação; rumo, direção, caminho. Campo ou terreno brejoso, situado em encosta, esp. perto de cabeceira de rio, geralmente coberto com vegetação rasteira graminosa. Regionalismo: Brasil. local úmido e fértil para agricultura. Regionalismo: Minas Gerais, Centro-Oeste do Brasil. na região dos cerrados, curso de água orlado por buritizais.

Contextualizações: **1)** Conforme contei ao senhor, quando Otacília comecei a conhecer, nas serras dos gerais, Buritis Altos, nascente de **vereda**, Fazenda Santa Catarina.p.85; **2)** Me deu saudade de algum buritizal, na ida duma **vereda** em capim tem-te que verde, termo da chapada.p132; **3)** Aquilo nem era só mata, era até florestas! Montamos direito, no Olho d'Água-das-Outras, andamos, e demos com a primeira **vereda** – dividindo as chapadas –: o *flaflo* de vento agarrado nos buritis, franzido no gradeai de suas folhas altas; e, sassafrasal – como o da alfazema, um cheiro que refresca; e aguadas que molham sempre. p.140; **4)** E como cada **vereda**, quando beirávamos, por seu resfriado, acenava para a gente um fino sossego sem notícia – todo buritizal e florestal: ramagem e amar em água.p.140; **5)** E lá era que o senhor podia estudar o juízo dos bandos de papagaios. O quanto em toda **vereda** em que se baixava, a gente saudava o buritizal e se bebia estável.p.170; **6)** que nem, dos brejos dos *Gerais*, sai uma **vereda** para o nascente e outra para o poente, riachinhos que se apartam de vez, mas correndo, claramente, na sombra de seus buritizais...p.251; **7)** A **vereda** recruza, reparte o plaino, de esguelha, da cabeceira-do-mato da Mata- Pequena para a casa-de-fazenda, e é alegre verde, mas em curtas curvas, como no sucinto caminhar qualquer cobra faz. E tudo. O resto, céu e campo. p.252.

Definição do vocábulo-termo **VEREDA**: Local de descanso com vegetação e cheiro que refresca, com animais, pássaros e água potável, ornado pelos buritis de alegre verde, clima ameno, encontrado em meio aos campos gerais desérticos é, para o sertanejo, um “oásis” no meio do sertão (p.122).

4.2 Glossary of Brazilian Terms (The devil to pay in the backlands): In this story, any headwaters stream smaller than a river ( p.494).

Equivalências (The Merriam-Webster Pocket Dictionary)

CREEK: **1.** *U.S., Canada, and Australia.* a **stream** smaller than a river and larger than a brook.

STREAM: 1: a body of water (as a brook or river) flowing on the earth. 2 : a course of running liquid 3: a steady flow (as of water, air or gas) 4: a continuous procession (the ~ of history)

Definição da forma equivalente CREEK: A **stream** smaller than a river that runs through the woods, which waters may be a strong brine or suitable for people or animals, where the watercress blooms and gives you a light in the darkness like electricity.

Definição de stream: The source and upper part of a stream of water between slopes in the uplands, flowing clear in the shadow of the palms on its banks, where one can greet the wind in the buriti palms, with a refreshing odor, like lavender, and observe the shifting flocks of parrots.

#### CREEK:

*Contextualizações:* **1)** Take Aristides, who lives in that palm grove there on the right, on **the creek called Vereda-da-Vaca-Mansa-de-Santa-Rita.** **2)** They no longer thought evil of it. And we were having a talk beside the creek-the millstream, where the watercress blooms. **3)** I looked along the bank of the creek. The foliage of the watercress-you have seen it-at certain times gives off a light in the darkness: leaf by leaf, a phosphorescence, like electricity. And I felt fear. Fear in my soul. **4)** Water, waters. You will see a creek that empties in the Canabrava-the one which empties in the Taboca, which in turn empties in the Rio Preto, the first Preto of the Rio Paracatu-well, the water of that stream is salt, a strong brine (salmora), and turns blue; those who know it say it is exactly like sea water; the cattle won't drink it. I am doing all this explaining because many of the rivers and streams all through this part of the country have the same names. With daggers in hand, we crossed the creek, jumping from stone to stone; we knew of a shallow crossing farther downstream, but were afraid they might have posted sentinels there. **5)** About two hundred feet upstream, where the creek ran through the woods, they were knifing the boy, and as I gazed at the water, which I could not stop drinking. And-we found water. Not just water caught and held in the leaves of gravata, but water suitable for the horses in a hole in the bed of a dry creek. We rejoiced.

#### **Análise**

SEMAS					
paisagem geográfica do Centro-Oeste do Brasil <b>IN (-)</b>	divide as chapadas <b>IN (-)</b>	com rios pequenos <b>smaller than a river</b>	com cheiro que refresca <b>with a refreshing odor like lavender</b>	local de descanso <b>IN (-)</b>	dá sombra <b>in the shadow of the palms</b>
nos Gerais <b>IN (-)</b>	recruza e reparte o plaino de esguelha <b>IN (-)</b>	com nascentes nas serras <b>IN (-)</b>	com papagaios <b>with shifting flocks of parrots</b>	local onde se encontram fazendas	dá saudade
no termo da chapada <b>IN (-)</b>	vai da cabeceira da mata para a casa da fazenda <b>IN(-)</b>	com resfriado <b>where the watercress bloms</b>	com água potável		
		com capim verde <b>it runs through the woods</b>	com alegrante verde		
		com buritizal			

NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Classe de Noemas	de Caracterização Semântico-Conceptual	Natureza
	Conceptus PO/IN	Lugar entre as chapadas, no interior dos Gerais, com vegetação verde, nascente com água potável e aves, onde se encontram fazendas e habitações. <b>The source and upper part of a stream of water.</b>	Traços biofísicos
	Meta Conceptus PO/IN	Local de sombra verde de buritis onde se bebe estável e se pode estudar o juízo dos papagaios. <b>A stream of water between slopes in the uplands, flowing clear in the shadow of the palms on its banks, where one can greet the wind in the buriti palms, with a refreshing odor like lavender, and observe the shifting flocks of parrots</b>	Traços culturais ideológicos
	Metameta Conceptus	“Oásis”	Traços culturais modalizantes

A transferência de significados para um novo significante engendra-se por distintos processos situados nas tensões dialéticas sistema / contexto enunciativo e consenso / especificidade, a saber: sempre que há o emprego conativo de um lexema; ao

deslocarem-se semas do eixo de sua especificidade semêmica; quando da transposição de um lexema de um universo de discurso para outro; no emprego com desfoque semântico de um lexema; e quando da conversão categorial (BARBOSA: 2001).

### **5. Algumas considerações:**

Há pelo menos duas palavras correspondentes a *vereda*, parcialmente equivalentes na língua alvo. Quando da ressemantização do vocábulo-termo VEREDA a base cultural universal se manteve (curso d'água) e a reconstrução particular roseana: alguns semas próprios do texto de partida foram conservados. A percepção da realidade e a atribuição parcial de valor não colaboram para a manutenção da expressividade e do seu sentido do texto original. É possível observar que os subconjuntos dos traços ideológicos-culturais foram reduzidos e o subconjunto dos traços ideológico-intencionais modalizadores permanece vazio (*vereda é, para o sertanejo, um “oásis” no meio do sertão*).

### **6. Considerações Finais**

A análise da natureza dos semas formadores conceptuais nos permite *conceituar*, compreender a base cultural universal, a reconstrução particular do mundo e a intenção da manifestação linguística de um autor, a partir do levantamento dos semas de cada unidade lexical. Poderá o tradutor a partir desta análise, compreender como o *sentido* linguístico de cada unidade lexical foi paulatinamente construído pelo autor do texto literário.

O pesquisador em tradução poderá identificar no universo de discurso da língua de chegada, a percepção da realidade e a atribuição de valor pela análise dos subconjuntos dos traços ideológico-culturais e ideológico-intencionais modalizadores, observando se foram conservados, reduzidos ou ampliados quando da sua ressemantização, colaborando ou não para a manutenção da expressividade e do seu sentido original.

### **7. Referências**

AUBERT, F. H. Língua como estrutura e como fato histórico-social. Consequências para a Terminologia, In: <http://pt.scribd.com/doc/150580577/Cad-Terminologia-1>. Em 29/08/2013.

BARBOSA, Maria Aparecida. Etno-terminologia e Terminologia Aplicada: objeto de estudo, campo de atuação. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria. (Org.). *As ciências do léxico. Lexicologia, Lexicografia. Terminologia*. Campo Grande, MS: , 2007, v. 3.

\_\_\_\_\_. “Da neologia à neologia na literatura”, In: *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Editora UFMS-INEP-CPIE, Campo Grande, 2001, p.41.

COSERIU, Eugenio. O homem e sua linguagem. Rio de Janeiro. Presença. 1987.

DANIEL, Mary Lou. *João Guimarães Rosa: Travessia Literária*. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1968.

HJEMSLEV, Louis. Prolegômenos a uma teoria da linguagem. São Paulo. Perspectiva. 2006.

LATORRE, Vanice Ribeiro Dias. *Uma abordagem etnoterminológica de Grande Sertão: Veredas*. 2012. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

\_\_\_\_\_, João Guimarães. *João Guimarães Rosa: Correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizarri*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

\_\_\_\_\_, João Guimarães. *João Guimarães Rosa: Correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer Clason*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

\_\_\_\_\_. João Guimarães. *The devil to pay in the backlands*. New York. Alfred A. Knopf, 1963.

VERLANGIERI, Iná Valéria Rodrigues. *J. Guimarães Rosa – Correspondência inédita com a tradutora norte-americana Harriet de Onís*. 1993. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1993.

<http://www.tirodeletra.com.br/entrevistas/GuimaraesRosa-1965.htm>. Em 09/06/2011.

<http://thedeviltopayinthebacklands.wordpress.com/2010/10/14/interview-with-dr-earl-e-fitz/> Em 20/08/2013.

<http://seer.uniritter.edu.br/index.php/nonada/article/viewFile/47/21> Em 20/08/2013.

<http://www.revistabula.com/383-a-ultima-entrevista-de-guimaraes-rosa/> Em 20/08/2013.